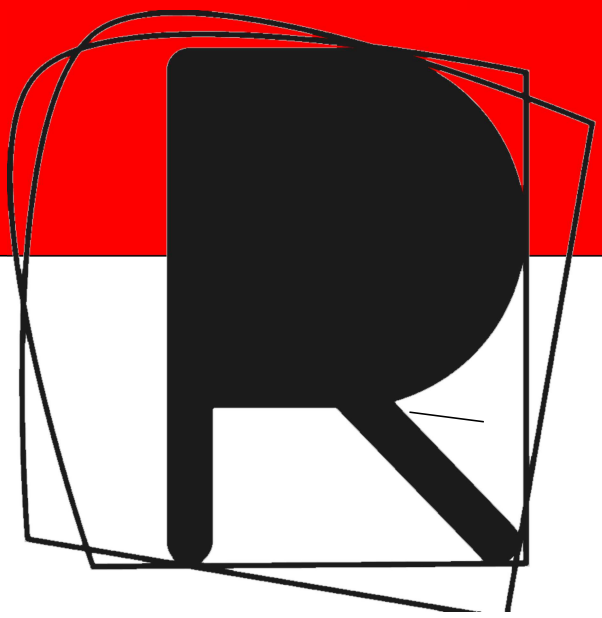
Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis

Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis

Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis

Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis



Glaucia Davino (org)

2019

ISBN: 978-85-5702-0085

Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis

Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis

Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis

Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis

Glaucia Davino (org)

2019

© 2019. Gláucia Davino. Núcleo Audiovisual (CNPq) – PPG EAHC - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Este livro traz textos e artigos enviados pelos participantes do IX Seminário Histórias de Roteiristas: Narrativas difusas em suportes sensíveis, realizado em setembro de 2018, na Universidade Presbiteriana Mackenzie e resultante das atividades desenvolvidas em conjunto. O livro é composto por: artigos individuais e/ou coletivos enviados a critério de cada participante das sessões de trabalhos acadêmicos (GTs e Mesas Temáticas) - e pelos resumos dos projetos audiovisuais, das Sessões das Rodadas de Projetos. Ao enviarem seus textos, os respectivos autores cederam os direitos para fins dessa publicação. No entanto, cada autor(a) é plena e totalmente responsável pelos conteúdos intelectuais, assim como pelas opiniões, veracidade dos dados, das fontes, das imagens, dos direitos a eles vinculados, pelo bom uso da língua, o bom uso das normas acadêmicas de escrita e demais direitos legais que englobam seus artigos/textos/resumos. Também não refletem o ponto de vista da UPM, dos membros da organização do evento e nem da editora.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Capa, editoração e projeto gráfico
Glaucia Davino
Sheila Cristina Silva Aragão Caetano

Logotipo – Arte
Júlia Mussarelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D259 _ Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis (8. : 2018 : São Paulo, SP)

Histórias de Roteiristas: Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis [livro eletrônico] / Glaucia DAVINO (org.) – São Paulo : Corpo Texto, 2019. 629 p. 20 MG : il. ; PDF

Inclui referências bibliográficas.
Realização Gláucia Davino, pelo Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Centro de Comunicação e Letras. Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Grupo de Pesquisa Núcleo Audiovisual
ISBN 978-85-5702-008-5

1. Roteiros cinematográficos. 2. Roteiros de televisão. 3. Narrativas Audiovisuais. 4. Cinema - Crítica e interpretação. 5. Adaptações para o cinema. I. Davino, Glaucia Eneida, *org.* II. Título.

CDD 791
CDU 778.5

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-5702-008-5
9 788557 020085

Entrevista com a vampira: comparando narrativas e desconstruindo discursos

Interview with the vampire: comparing narratives and deconstructing speeches

Natália Rosa Muniz Sierpinski[1]
Marciel Aparecido Consani[2]

Resumo: Este paper propõe uma análise comparativa entre o filme "Entrevista com o Vampiro" (1994) dirigido por Neil Jordan e a Graphic Novel "Entrevista com o Vampiro: a História de Cláudia" (2015) realizada por Ashley Marie Witter, ambas transposições do livro "Entrevista com o Vampiro" de Anne Rice (1976). As duas obras apresentam distintos pontos de vista narrativos, sendo que a adaptação audiovisual é contada a partir do personagem Louis de Pointe du Lac, e a Graphic Novel pela personagem Cláudia. Assim, nosso artigo busca compreender as diferenças narrativas de discurso e roteiro que essa mudança de perspectiva revela em cada uma das obras, além de analisar como a mudança de mídia influencia esse processo, dado que as linguagens do audiovisual e a dos comics possuem aproximações mas também, particularidades. Ao final, pretendemos demonstrar como a mudança de narrador(a) remete, particularmente, às questões de gênero, com as variações de representação e diferenças de discurso entre as obras, denotando um maior ou menor empoderamento da figura feminina, apesar de se tratar, em tese, da mesma história.
Palavras-chave: audiovisual, quadrinhos, transposição, gênero, narrativa.

Abstract: *This paper proposes a comparative analysis between the film "Interview with the Vampire" (1994) directed by Neil Jordan and Graphic Novel "Interview with the Vampire: The Story of Claudia" (2015) by Ashley Marie Witter, both transpositions of the book "Interview with the Vampire" by Anne Rice (1976). The two works present different narrative points of view, being that the audiovisual adaptation is counted from the character Louis of Pointe du Lac, and Graphic Novel by the character Cláudia. Thus, our article seeks to understand the narrative differences of discourse and script that this change of perspective reveals in each of the works, besides analyzing how the media change influences this process, since the languages of the audiovisual and the comics have more approximations also, particularities. In the end, we intend to demonstrate how the narrator's change (a) refers, in particular, to gender issues, with variations of representation and differences of discourse between works, denoting a greater or lesser empowerment of the female figure, in theory, of the same story.*
***Keywords**: movie, comics, transposition, gender, narrative.*

---

1 Licenciada em Educomunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Email: natalia.sierpinski@usp.br
2 Doutor em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP, 2008), com Mestrado (IA-UNESP, 2003) e graduação em Artes/Música; possui Licenciatura Plena em Educação Artística e Especialização em Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação (PUC-SP). Email: mconsani@usp.br

Introdução

O presente artigo pode ser definido com base nas suas aproximações, ou melhor, aquelas que ele busca promover. Por exemplo, a aproximação entre orientador e orientanda, respectivamente professor e aluna da Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP, o qual resultou no TCC "Educomunicação e histórias em quadrinhos: desconstruindo o preconceito de gênero nas escolas" — defendido e aprovado com nota máxima em 2017 — além de um número significativo de outros artigos relacionando o trinômio Quadrinhos/Gênero/Educação. Tais temas, aliás, sempre foram importantes na trajetória acadêmica da autora, como demonstram seu trabalho de iniciação científica[3] e sua participação em coletivos estudantis, tais como o "Educomics"[4], "Cineducom"[5] e blogs temáticos, como o "Garotas Nerds"[6].

Outra aproximação que este texto busca promover é entre as linguagens do Cinema e das Histórias em Quadrinhos (HQs) enquanto diferentes abordagens para a transposição de uma obra literária, como é o livro "Entrevista com o Vampiro", o volume que inaugurou a série "Crônicas Vampirescas" da escritora americana Anne Rice, objeto de nossas análises.

Por fim, mantendo-nos fiéis a nossa matriz epistemológica — a Educomunicação — aproximamos o campo da Comunicação, pelo viés da Leitura Crítica da Mídia, com o da Educação, identificando a Narrativa como uma chave decodificadora capaz de revelar os conteúdos ideológicos latentes ao discurso midiático propiciando seu emprego em contextos educacionais.

Para desenvolver nossas análises e argumentação, dividimos este artigo em quatro seções, sendo que a primeira delas apresenta o livro que serviu de base para as adaptações que abordamos aqui, para, em seguida, tratar do filme que marcou a primeira e mais

---

3 "Enxergando além dos heróis: uma abordagem educomunicativa pelos caminhos da psicologia" orientada pelo Prof. Dr. Lineu Norio Kohatsu, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, entre 2014 e 2015.
4 https://www.facebook.com/groups/1415948328656316/?ref=br_rs
5 https://www.facebook.com/groups/1472016473066283/
6 https://garotasnerds.com/author/natalia-sierpinski/

famosa transposição da obra de Rice para a grande tela. Já a segunda seção trata especificamente da HQ "Entrevista com o Vampiro: a história de Cláudia" de Ashley Marie Witter. Na terceira seção, nosso foco será a comparação entre cenas do filme e da HQ, apontando as diferenças de narrativa que denotam o viés de gênero masculino/feminino inerentes aos seus respectivos discursos.

Ao final, recapitulamos alguns dos pontos discutidos, buscando articular nossa discussão com a matriz epistemológica na qual nos referenciamos.

1 - Narrativa: a transposição de Rice a Jordan

O filme "Entrevista com o Vampiro" (1994) pode ser considerado como um fenômeno midiático, gerando muita expectativa, quando anunciado e bastante repercussão, após sua estreia, devido ao elenco estelar e ao forte homoerotismo da direção de arte, considerado bastante transgressor para a época.

A narrativa original pertence ao primeiro de uma série de doze livros que pertencem à série "Crônicas Vampirescas", uma parte de sua vasta obra, centrada no gênero literário do fantástico/sobrenatural.

Sabemos que o roteiro creditado à romancista Anne Rice — pseudônimo de Howard Allen O'Brien — na verdade foi bastante modificado pelo diretor irlandês Neil Jordan, que gozava de bastante prestígio quando da realização de seu roteiro original "The Crying Game" (no Brasil, "Traídos pelo Desejo"). Esta não foi a única das liberdades criativas que a adaptação toma para si — muito pelo contrário — o filme desloca o foco da narrativa para o protagonismo dos vampiros Lestat e Louis que, ao longo da trama, oscila entre os pares de opostos: Criador/Criatura, Mestre/Discípulo; Amado/Inimigo. Estes últimos papéis garantiram muito do interesse do filme nas bilheterias, assegurando um tom decididamente homoerótico, apelando para um elenco de galãs consagrados por Hollywood e interagindo num plot inusualmente ousado.

Ainda que possamos dizer que as divergências entre o romance original e sua adaptação para a tela grande sejam regra em qualquer processo de transposição

livro/filme, as narrativas, quando comparadas, parecem bastante diferentes quanto às motivações principais dos personagens, particularmente no que se refere às relações de gênero[7].

Podemos, inclusive nos referir ao filme como uma história com vários protagonistas — todos do sexo masculino — e uma única personagem feminina forte — Cláudia, que é uma mulher no corpo de uma criança e que, ao final, precisa ser eliminada para direcionar a trama rumo ao seu desfecho trágico.

Neste breve artigo não nos dedicaremos à discussão sobre a fidelidade narrativa propriamente dita, isto é, se o tempo e as curvas dramáticas do romance estão presentes nas adaptações analisadas: em troca, nosso foco recairá sobre as questões — estas sim, bem evidentes — de gênero suscitadas pelo viés do discurso narrativo de ambas as obras.

O filme de Jordan, assim como o livro de Rice, apresenta os vampiros de maneira bastante humanizada e com foco em seus conflitos pessoais:

> Os vampiros tornam-se mais humanizados, com conflitos psicológicos, reflexões existenciais e afeições duradouras. O romantismo dos jogos de sedução e sexualidade passou a construir elementos fundamentais. Por trás dessa reviravolta, fica evidente a transposição espacial e simbólica do antigo para o novo mundo, ou seja, as características presentes no vampiro romântico de Stoker focar aculturadas ao novo modelo, em atitude de permanência e persistência, mas adequadas ao *modus vivendi* em voga. (Korasi, 2014, p. 141/142).

Essa caracterização constrasta vivamente com as representações vampirescas "tradicionais", perpetuadas pela Literatura, as HQs e o Cinema, as quais ressaltam, via de regra, os aspectos mais repuslivos e tenebrosos dos Mortos-Vivos hematófagos.

Assim, autores que abordamos vão no caminho oposto da representação estreita do vampiro enquanto monstro ou demônio,"ou seja, cada vampiro possui sua natureza particular, igual aos humanos, determinando assim seu caráter vampírico.

Na perspectiva dessas classificações dos vampiros: monstro/ bom/ mau - pode-se analisar a natureza dos vampiros, partindo da análise da natureza humana." (Korasi, 2014,

---

[7] Neste artigo, consideramos "questões de Gênero" aquelas que são pertinentes à oposição Masculino/Feminino ("cis"), não adentrando, conceitualmente, na problemática da Sexualidade/Transexualidade.

p. 145) Essas dualidades também tangem as questões morais, que não são as mesmas moralidades dos humanos comuns:

> Com relação à questão sexual, em 1976, poucos escritores ousaram incluir o sexo em suas histórias. No entanto, as relações homossexuais e quase incestuosas fizeram parte do enredo de *Entrevista com o Vampiro*. Mesmo sem uma cena explícita de sexo, as associações entre beijo e sexo do vampiro apareceram constantemente. Uma das questões que provam a popularidade do vampiro, mesmo nos dias de hoje, apareceu quando a autora inverteu o rumo da história ao revelar que o entrevistador do vampiro, Louis, não o temia, mas sim o admirava, e desejou ser como ele, em uma clara representação daquilo que os seres humanos aspiravam ser, mas que, por moralidades e padrões éticos, não poderiam ou não teriam coragem de realizar. (Korasi, 2014, p. 147)

Talvez, justamente, pela capacidade de encontrar, um ponto de equilíbrio entre a manutenção e o questionamento dos cânones nas histórias de vampiro, renovando o gênero sem perder o frescor da "novidade", o filme de Jordan tenha se tornado um clássico, moderno, envelhecendo dignamente frente à saturação de filmes sobre o tema.

Parte 2 - A Graphic Novel: a vampira que não foi entrevistada

Antes de nos aprofundarmos na HQ específica que será analisada, é relevante salientar que ela não foi a primeira adaptação em quadrinhos da obra de Rice. Entre 1991 e 1994, a *Innovative Corporation*, do Canadá, publicou uma adaptação da meams "Entrevista com o Vampiro" no formato de quadrinhos, numa série em doze capítulos, as obras foram realizadas por Cinthy J. Wood (roteiros) John Bolton (Arte).

Assim, essa primeira transposição quadrinhística foi anterior a estreia do primeiro filme da saga. Logo nas primeiras páginas temos o escrito "Not intended for children" enfatizando que tal obra é voltada ao público adulto.

Historicamente os HQs foram colocados como uma linguagem voltada ao público infantil e vistos como uma literatura inferior, preconceito que vem sendo superado gradativamente, principalmente a partir de Eisner (1989) que trouxe o conceito de Arte Sequencial, trazendo aos HQs maior notoriedade e reconhecimento como uma linguagem complexa.

Eisner também cunhou o termo "Graphic Novel", que se refere a outro formato de publicação, normalmente com encadernação em capa dura ou brochura. O termo foi usado por Eisner em 1970 para convencer uma editora a publicar a sua HQ "Um Contrato com Deus e Outras Histórias de Cortiço".

Além das diferenças na impressão do conteúdo, as Graphic Novels (GNs) também trazem em sua concepção uma maior liberdade artística, com a qual podem explorar outras abordagens para além do *mainstream* editorial, sendo também identificadas como obras autorais das quais se esperam uma maior densidade e profundidade narrativas. Assim, as diferenças entre uma HQ publicada no formato de "revistinha" (histórias "de linha", isto é, seriadas) e uma GN, é em suma, de ordem editorial.

Neste contexto, a adaptação em quadrinhos na qual iremos nos debruçar – "Entrevista com o vampiro: a história de Cláudia" – é descrita, no próprio volume da obra, como a primeira graphic novel baseada no universo ficcional de Anne Rice. Com capa dura e papel couchê de alta gramatura, o status de GN traz a mesma indicação citada na adaptação canadense, que é a de uma HQ voltado ao público adulto.

Publicada no Brasil pela editora *Rocco* em 2015, a HQ foi adaptado e desenhado por Ashley Marie Witter. A artista nasceu em Madison (Wisconsin) e estudou artes visuais e animação na Faculdade de Madison, tendo realizado publicações independentes em *webcomics* e trabalhos em grandes editoras, como por exemplo, a produção da arte de alguns HQs da série *Star Wars* da Marvel Comics. "A História de Cláudia" é a segunda produção em parceria com Anne Rice, a primeira foi "*The Wolf Gift*" adaptação de outra obra, com o mesmo nome, lançada em 2014.

A arte escolhida por Witter no exemplo aqui analisado demosntra referências visuais que remetem à Arte Barroca e ao traço do Mangá[8], com páginas monocromáticas

[8] Nome que se aplica à quase totalidade da produção de quadrinhos do Japão. O termo pode ser traduzido livremente como "Arte Irresponsável".

em tom sépia, a única cor destoante é o vermelho vivo, que aparece sempre que temos sangue em alguma cena, o que aumenta a intensidade da narrativa.

3. Vampiros na tela e vampiros no papel: duas Narrativas distintas?

Por se tratar de uma análise preliminar e de espectro reduzido, nossa abordagem metodológica será bastante simples, orientada pela decupagem de elementos narrativos dramáticos e visuais de algumas cenas-chave, que se assemelha às análises praticadas sob a denominação de "Gramática da Narrativa" por Todorov (2008, p.135).

3.1. Cláudia em seu próprio caixão: o drama da Vampira-criança e o tédio da imortalidade

A primeira cena aqui analisada apresenta o momento em que Cláudia pergunta para Louis se existem caixões para crianças e pede que ele compre um para que ela possa começar a dormir sozinha, dado que anteriormente a esse momento, ela dormia no mesmo caixão que ele (Figura 1).

O filme aborda esse momento de forma rápida e passageira, enquanto a HQ o trata com uma abordagem bem diferenciada, com detalhes e profundidade. Se, no filme, Louis ainda a vê como uma criança e a descreve como tal — ela até segura uma boneca de porcelana (inexistente na GN) para dormir —, na HQ, o interesse de Claudia pelo caixão infantil é apresentado como o início de um conflito interno da personagem, que questina sua própria existência, evidenciando que ela, definitivamente, já não é mais uma criança.

Além de haver uma diferença de pontos de vista dos narradores, há também uma diferença de representação física, com o filme a representando Claudia com feições e falas infantis, segurando uma boneca, enquanto a HQ a representa de maneira reflexiva, com feições mais agressivas e sérias, que se afastam de uma representação infantilizada.

Figura 1. Louis divide seu caixão com Cláudia.

Podemos notar, já nesse primeiro momento, que o filme ser narrado a partir de um protagonista masculino (e por um diretor idem), já influencia a representação da única personagem feminina relevante da trama, apontando uma tendência que não é recente:

> A partir da segunda onda do movimento feminista, ocorrida na década de 70, a teoria feminista do cinema demonstrou que a posição das mulheres nos enredos dos filmes hollywoodianos sempre foi a do outro, nunca a de sujeito da narrativa, e que sempre foram tratadas como objetos do voyeurismo masculino. (Gubernikoff, 2009, p. 65/66)

Dessa forma, no filme temos o desenvolvimento da personagem a partir de um "olhar masculino" (Kaplan, 1995) que influencia em toda a composição da trama, não apenas no roteiro, mas também no ritmo da narrativa, em que as mesmas cenas que são longas e equilibradas na HQ, aparecem no filme de maneira superficial e rápida.

3.2. A histeria feminina: um velho clichê

O momento em que Cláudia descobre que nunca irá crescer e que terá a forma de uma criança por toda a eternidade, acontece durante uma discussão entre ela Cláudia e o vampiro Lestat. O filme apresenta o conflito de Claudia em seu corpo infantil como algo brusco e repentino, que leva a personagem a ser apontada como "louca" por Lestat, ao ponto de ambos os personagens se agredirem, sem nenhuma interferência do passivo Louis. Esse descontrole da personagem feminina, que é apresentada atirando objetos e gritando, é usada na narrativa do filme para salientar, de forma atabalhoada e caricata,

seu descontentamento de estar presa em um corpo infantil. O mesmo conflito é trabalhado de maneira gradual e aprofundada no HQ, atingindo um ápice de fúria, mas, sem remeter a nenhum sintoma de histeria ou descontrole (Figura 2).

Figura 2. Cláudia se revolta: histeria ou fúria?

Assim, o filme traz a representação da histeria feminina, que é "desvairada, enlouquecida, descontrolada, geniosa e perigosa" (Magnabosco, 2003, p. 434) e que, como toda representação, está envolta de uma construção social, assim "pensar em histeria é pensar nas construções de gênero sexual que predominaram, na formação do imaginário médico e cultural, sobre a figura do feminino, desde o início do século XIX." (Magnabosco, 2003, p. 431)

> A concepção histérica do corpo feminino aconteceu tanto pela colocação deste como saturado de sexualidade, o que era visto como patologia, quanto pela restrição da mulher ao papel lingüístico-social materno e doméstico, modo de controlar o horror da desterritorialização dos contornos masculinos. Foi nesse contexto de patologização e restrição sociolingüística, para um domínio sobre a diferença marcada pela feminilidade, que a "mãe, com sua imagem negativa de a 'mulher nervosa', constituiu a forma mais visível dessa histerização". (Nunes 2000, *apud* Magnabosco, 2003, p. 433)

Enquanto a narrativa do filme se vale dessa representação depreciativa, na HQ, a mesma cena transcorre de outra forma. A discussão entre Cláudia e Lestat é construída em um clima de tensão entre ambos os personagens, porém sem agressões físicas. Lestat ameaça agredir Cláudia e Louis intervém a favor dela, com falas que escancaram a visão

de que Cláudia não é mais uma criança, mas sim uma mulher intelectualmente adulta no corpo de uma criança, foco de conflito que começa a abalar a relação entre Cláudia e Lestat. Se, no filme, esta cena revela o início da crise da personagem com a sua condição vampiresca, na HQ, a questão já se colocara muito antes.

4.3. O mistério da origem: por que a escolha não foi dela?

A cena que explora a origem de Cláudia ressalta que ela não teve escolha em relação a se tornar vampira, dado que Louis simplesmente a atacou e se alimentou dela, sem a coragem, no entanto, para dar cabo de sua vida. Depois, Lestat a encontrou e consumou sua transformação, colocand tal escolha como prerrogativa dos dois vampiros principais, ao passo que a própria Cláudia, sendo apenas uma criança, seuqer entendia o que estava acontecendo com seu corpo.

Essa mesma cena tem pesos muito diferentes no filme e na HQ, pois, no primeiro, a história da origem de Cláudia é bastante resumida, ao passo que na HQ ele é contada num flashback detalhado (Figura 3), surpreendendo o leitor "junto" com a personagem, por conta dessas revelações.

Figura 3. Louis leva a Cláudia a conhecer sua origem humana.

No filme, Louis relata a ela brevemente sobre sua condição como vampira sem lhe dar maior atenção, pelo fato de estar consumido demais por sua autocomiseração. Na GN, os diálogos entre os dois são aprofundados, demonstrando a relutância de Louis em contar a ela o que realmente aconteceu. Depois das primeiras revelações, ela foge e ele vai atrás dela declarando o medo que tem de perdê-la, agora que ela sabe de toda a verdade. Esta cena, altamente dramática, é simplesmente excluída do filme.

Consideramos importante notar que a motivação para que o "casal" de vampiros crie uma filha, reside na chantagem emocional de Lestat, que usa a criança inocente como uma refém para garantir que Louis não o abandone. Ainda que o filme e a HQ evidenciem a mesma ideia, apenas no filme a "objetificação" da menina funciona como um "gancho" narrativo sem grande aprofundamento na psique complexa da garota e sua relação dúbia (filha? amante?) de Louis.

> Nesse caso, a mulher é mais uma das estruturas que regem o argumento em um grupo de outras estruturas narrativas. Nessa perspectiva, o que se percebe é que a estrutura-mulher, dentro da trama, está sempre associada a uma função narrativa ligada a algum elemento masculino. (KAPLAN, 1995 apud Gubernikoff, 2009, p. 73)

Cabe salientar, também, que essa concepção de estrutura-mulher presente na narrativa está atrelada ao conceito de "visão masculina" da narrativas, ambas concepções que não estão presentes na HQ que é produzido por uma mulher e que tem uma mulher como protagonista.

Essa cena salienta também, entre filme e quadrinhos, a discrepância, de idade nas representações de Cláudia, a qual fica mais evidente quando compararmos as dimensões da menina em relaçõ a Louis. No filme, essa diferença de idade é minimizada (Dusnt era, à época, umadolescente de doze anos), o que contribuiu para trazer outra visão acerca da personagem e seu lugar na narrativa da história.

4.4. Se matar outro vampiro é um crime capital, por que só Cláudia é punida?

Após se rebelar contra Lestat e assassiná-lo, juntamente com Louis, Cláudia parte de New Orleans para a Europa, em busca de outros vampiros, com a intenção de

compreenderem melhor a sua condição e sua ancestralidade. Quando finalmente eles encontram um grupo outros vampiros, na cidade de Paris, é feita a revelação de que o único crime no universo vampiresco é matar um semelhante.

Assim, vemos que os vampiros ostentam uma moralidade própria, bem diferente dos parâmetros da moralidade humana, já que não há restrições quanto ao ato de matar humanos ou a qualquer tipo de relacionamento sexual. Por outro lado, eles cultivam o tabu de que um vampiro não pode matar outro sem pagar pelo crime com a própria vida.

O filme não dá nenhum destaque para Cláudia nessa cena, já que nem seu rosto nem é mostrado depois de tal revelação. A HQ, por outo lado, demosntra o desespero de Cláudia pela revelação (figura 4), que ocorre com o pano de fundo de um diálogo existencial sobre bem e mal, descrito pela personagem como uma "discussão banal". No filme, só Louis parece não notar o perigo dizendo que "tudo vai ficar bem", enquanto na GN, ele assume sua cumplicidade na morte de Lestat e diz que não irá abandoná-la.

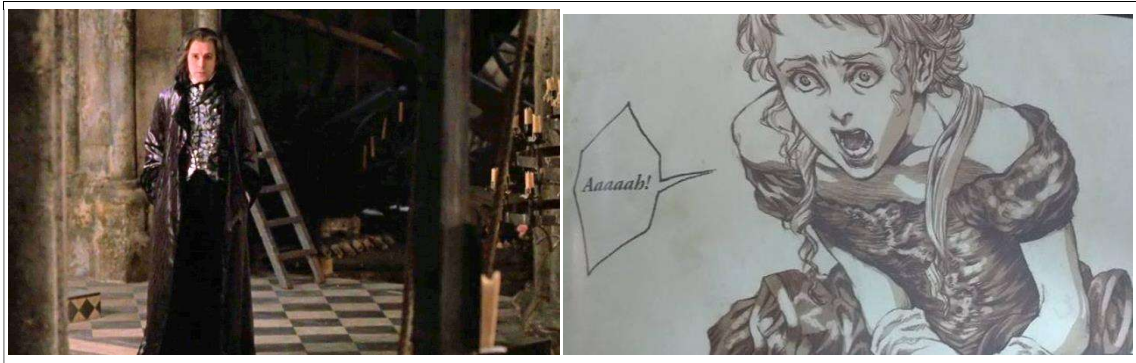


Figura 4. Cláudia percebe que está condenada.

Cena 05- Morte da Cláudia e da "mãe" que ela criou

Cláudia percebe que Louis está cada vez mais próximo de Armand, o líder do clã de vampiros parisienses e decide que precisa de uma nova companheira para sua vida

imortal. Assim, ela convence Louis a transformar em vampira a dona de uma loja de bonecas que Cláudia frequentava — Madeleine.

Pouco depois disso, os três são capturados pelos outros vampiros e Cláudia e Madeleine são mortas por exposição à luz do sol, como forma de punição por Cláudia ter matado (ou melhor, ter tentado matar) Lestat.

No filme fica a impressão de que essa mulher é quem cuidará da Cláudia na ausência de Louis, pois ela teve uma filha muito nova que morreu, sugerindo que ela vê, na menina-vampira, a filha que perdeu. Porém, nos quadrinhos percebemos em Cláudia a intenção oposta: ela se vê como mãe da mulher — uma vez que a criou — e quer cuidar de dela, ao invés de ser cuidada. Nas imagens abaixo vemos a diferença de representação, em que no filme a Madeleine está por cima de Cláudia, protegendo-a, enquanto no HQ, se evidencia o contrário (figura 5).

Outra diferença significativa, é que, enquanto na HQ assistimos a volta de Lestat que procura diretamente por Armand (como no livro), no filme esta cena é não acontece, sendo substituída por um desfecho no qual Armand se abstrai da culpa, sem indicar que Lestat está envolvido diretamente com a denúncia e a posterior execução de Cláudia.

Por fim, é relevante destacar que temos a morte feminina como punição, em que Cláudia e Madeleine são as únicas a morrer, no filme posteriormente a essa cena, Louis mata vários vampiros, e não recebe nenhuma punição por esse feito.

Araujo (2015) aponta que existem três tipos de representação feminina produzidas pelo inconsciente patriarcal masculino, dentro do contexto do cinema hollywoodiano, que são cúmplices, resistentes e pós-modernas, podemos elencar Claudia como uma representação resistente, dado que:

> o tipo resistente luta, entre outras coisas, por emancipação financeira e pessoal (...) O feminino é tido nessas narrativas como algo atemporal, ou seja, com essas motivações, independentemente da época. Segundo Kaplan, "superficialmente, a representação muda de acordo com a moda e o estilo – mas se arranharmos a superfície, lá está o modelo conhecido. " (KAPLAN, 1995, p 17). A autora afirma que independentemente do tipo representado, somente as mulheres que se submetem ao patriarcado são redimidas nos finais das narrativas. Mulheres que lutam a qualquer custo pela independência são

> geralmente levadas à degradação moral ou punidas de alguma forma. (Araujo, 2015, p. 28/29)

Figura 5. Madeleine e Cláudia às portas da more: quem protege quem?

Assim, vemos que essa representação já está atrelada a uma provável punição como desfecho, dado que é uma personagem que não contenta com sua condição, "se há alguma ruptura em seu papel durante o desenvolvimento do filme, no fim ela voltará sempre para seu devido lugar social e familiar. Caso isso não aconteça, no transcorrer do enredo, será castigada por sua transgressão." (Gubernikoff, 2009, pg. 73)

Considerações finais

Seria tentador, pensar no filme como uma versão onde o olhar masculino molda e prevalece sobre uma narrativa concebida por uma escritora. As mudanças operadas por Jordan escamoteiam questões íntimas relacionadas com a maternidade (Rice perdeu uma filha pequena, vítima da Leucemia) — enquanto ressaltam uma teia de relações afetivas que ocorrem, praticamente, só entre os vampiros "machos".

O protagonismo da única "mulher forte", na verdade uma mulher adulta presa no corpo de criança, alijada do prazer (castração) e do papel pleno de "fêmea predadora", sucumbe ante a condução dramática do titubeante Louis e do maquiavélico Lestat.

Afora Cláudia, todas as mulheres — humanas e vampiras — da tela, parecem ser unidimensionais, acessórias e descartáveis como escravas, presas dos "caçadores" ou prostitutas, não necessariamente nesta ordem. Interessante notar que, na tradição da literatura vampírica (se é que este gênero existe), a figura da vampira Carmilla (Le Fanu, 2010), protagonista de um longo conto que precedeu a narrativa do próprio Conde Drácula, personagem tido como o fundador do cânone.

Este desnível de poder, verificado na transposição cinematográfica de Rice, pode ser, em grande parte, atribuído à mudança do ponto de vista do narrador, ainda que a ordem e a relevância dos fatos narrados não tenha sofrido mudanças substanciais. Exemplo deste raciocínio é o fato de que, embora a personagem de Kirsten Dunst ocupe a tela em praticamente de metade do tempo de filme, não são suas ações (ao contrário do que acontece na HQ) aquelas que definem a condução e o desfecho da trama, mas sim as de Louis.

Além deste ponto de destaque, bastante enfatizado ao longo do nosso texto, e de tudo o que foi desenvolvido na seção 4 deste artigo, consideramos pertinente resgatar dois aspectos condizentes com nossa preocupação em contextualizar as análises aqui realizadas dentro do viés educomunicativo ao qual nos referimos, no início.

O primeiro diz respeito ao campo da Comunicação e aos desdobramentos estritamente "técnicos" das transposições aqui analisadas. Do ponto de vista dos artífices destas releituras, pesam questões como a intertextualidade, as escolhas estéticas e as contingênicas relativas à produção, tais como a classificação etária da obra, principalmente no caso do filme.

Num arcabouço mais amplo, que remete diretamente ao segundo aspecto, o da Educação — entendida aqui como umainstânica da Cultura, portanto, não circunscrita às isntituições escolares —, podemos constatar que, no espaço de duas décadas que separam as duas transposições, a questão feminista ganhou corpo, particularmente a reafirmação do empoderamento da mulher. Isso mantém nosso olhar atento para os modos de representação do feminino na Mídia, o que inclui as telas grandes e pequenas, e a produção escrita em todas as formas literárias, incluindo, é claro, os quadrinhos.

Unificando ambos os aspectos, propomos uma questão que sintetiza nossos anseios enquanto eduomunicadores: será que já alcançamos, nos dias de hoje, um patamar de equidade de gênero que assegura a apresentação do feminino, no campo do simbólico, de maneiras equilibradas, sem a predominânica de um viés patrircal e opressor?

Esperamos que o conjunto de novas análises e questionamentos responda, logo que possível, aeste e outros questionamentos semelhantes.

Bibliografia

ARAUJO, Marcella Grecco de. **Representações do feminino no cinema brasileiro de ficção**: Mar de rosas, Um céu de estrelas e Trabalhar cansa. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285303/1/Araujo_MarcellaGreccode_M.pdf > Acesso em 21 out.2018.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 1a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ENTREVISTA COM O Vampiro. Direção: Neil Jordan. Produção: David Geffen, Redmond Morris e Stephen Woolley. Intérpretes: Brad Pitt, Christian Slater, Tom Cruise, Kirsten Dunst, Antonio Banderas e outros. Roteiro: Anne Rice e Neil Jordan. Som, cor, 1994, (123 min).

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem**: representação da mulher no cinema. Revista Conexão – Comunicação e Cultura,8:65-77,2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113/104>, Acesso em 20 out. 2018.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema**: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Artemídia; Rocco, 1995.

KORASI, Fabricio Pereira. **O vampiro romântico, uma questão estética**: uma história das representações através do mito. Doutorado em história social. Pontifícia Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12831/1/Fabricio%20Pereira%20Korasi.pdf> Acesso em 21 out. 2018.

LE FANU, Joseph T. Sheridan. **Carmilla: A Vampira de Karnstein.** São Paulo, Hedra, 2010.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. Mal-estar e subjetividade feminina. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 418-438, set. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482003000200009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 21 out. 2018.

RICE, Anne. **Entrevista com o vampiro.** Rio de Janeiro, Rocco, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas.** São Paulo, Perpectiva, 2008.

WITTER, Ashley Marie. **Entrevista com o vampiro: a história de Cláudia.** Rio de Janeiro: Rocco, 2015.